

Uniforme escolar e uniformização dos corpos

*Wilson Ricardo Antoniassi Almeida**

Resumo

Este trabalho propõe a análise do uniforme escolar não como uma vestimenta casual, um tecido obrigatório a cobrir os corpos dos alunos, mas como um aspecto essencial para se compreender o universo escolar e a cultura que o sustenta e o define. A partir do diálogo com a fotografia em conjunção com o depoimento revelamos e analisamos aspectos históricos, filosóficos, políticos, socioeconômicos e culturais fundamentais para a compreensão dos sentidos e significados que configuram a dinâmica entre o tempo e espaço escolar ao longo do período de existência da instituição selecionada para a realização desse estudo, o Terceiro Grupo Escolar de Limeira, estado de São Paulo, compreendendo o intervalo entre a década de 1940, contexto de sua criação, até os dias atuais, década de 2010. Para o trânsito entre o espaço e o tempo escolares utilizamos dois percursos: o sincrônico, em que analisamos situações e relações entre o indivíduo e a escola em determinados contextos; e o diacrônico, em que a partir do desencadeamento de uma temporalidade analisamos as situações e as relações do passado em relação ao presente. Nessa conjuntura, o uniforme escolar refere-se a um artefato cultural que reproduz os padrões estéticos e morais de um determinado grupo, bem como inculca e reforça estes mesmos padrões naqueles que o usam cotidianamente.

Palavras-chave: Uniforme Escolar. Cultura Escolar. História da Educação. Terceiro Grupo Escolar de Limeira.

* Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (2016), mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2011), graduação em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista (2006) e graduação em Licenciatura em Matemática pelo Centro Universitário de Jales-SP (1997). Membro do HISTEDBR/UFSCar – Grupo de Pesquisa História, Sociedade e Educação no Brasil, da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: ricantoniassi@hotmail.com

School Uniform And Uniformization Of Bodies

Uniforme Escuela Y Uniformización de Los Cuerpos

Abstract

This work proposes the analysis of the school uniform not as a casual dress, a compulsory fabric to cover the students' bodies, but as an essential aspect to understand the school universe and the culture that sustains and defines it. From the dialogue with the photograph in conjunction with the testimony we reveal and analyze historical, philosophical, political, socio-economic and cultural aspects fundamental to the understanding of the meanings and meanings that configure the dynamics between the time and school space throughout the period of existence of the Institution selected to carry out this study, the Third School Group of Limeira, state of São Paulo, comprising the interval between the 1940s, the context of its creation, until the present days, the decade of 2010. For the transit between space and the school time we use two paths: the synchronic, in which we analyze situations and relations between the individual and the school in certain contexts; and the diachronic, in which from the beginning of a temporality we analyze the situations and the relations of the past in relation to the present. At this juncture, the school uniform refers to a cultural artifact that reproduces the aesthetic and moral standards of a particular group, as well as inculcates and reinforces these same standards in those who use it on a daily basis.

Keywords: School Uniform. School Culture. History of Education. Third Limeira School Group.

Resumen

En este trabajo se propone el análisis de uniforme escuela no es un vestido casual, un tejido necesario para cubrir los cuerpos de los estudiantes, sino como un aspecto esencial para comprender el entorno escuela y la cultura que apoya y lo define. Desde el diálogo con la fotografía en conjunto con el testimonio revelar y analizar histórico, filosófico, político, fundamental socioeconómico y cultural para comprender los sentidos y significados que dan forma a la dinámica entre el tiempo y el espacio de la escuela durante toda la duración de la institución seleccionada para llevar a cabo este estudio, el Tercer Grupo Escuela de Limeira, São Paulo, que comprende el intervalo entre la década de 1940, el contexto de su creación hasta la actualidad, década de 2010. Para el tráfico entre el espacio y el tiempo de la escuela utiliza dos rutas: la sincrónica, en el que se analizan las situaciones y las relaciones entre el individuo y la escuela en ciertos contextos; y lo diacrónico, que desde el inicio de una temporalidad analizar las situaciones y relaciones del pasado en el presente. En esta coyuntura, el uniforme escuela se refiere a un artefacto cultural que reproduce los estándares estéticos y morales de un grupo en particular, e inculca y refuerza estas mismas normas en aquellos que lo utilizan a diario.

Palabras clave: Uniforme Escuela. La Cultura Escuela. Historia de la Educación. Tercer Grupo Escuela de Limeira.

Considerações iniciais

A cultura escolar pode ser definida como um conjunto de ideias, princípios, critérios, normas e práticas sedimentadas ao longo do tempo das instituições educativas. (VINÃO FRAGO, 2000, p. 100).

A escola, ao mesmo momento em que é responsável pela socialização da cultura¹, possui uma cultura específica, a cultura organizacional, que tem origem e é difundida no próprio ambiente escolar. Essa cultura produzida, reproduzida, preservada e transformada decorrente da rotatividade da interação entre os indivíduos no espaço escolar, ao longo do tempo, compondo um conjunto de fatores que identifica a escola como instituição de ensino, caracteriza-se por cultura escolar e pode ser compreendida como:

Um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (JULIA, 2001, p. 10).

Assim como a escola difere pela natureza de outras organizações, cada escola é, também, diferente de qualquer outra, pois possui características singulares, ou seja, uma cultura escolar, constituída a partir da transmissão e perpetuação entre a sociabilização dos novos indivíduos que passam a fazer parte do ambiente escolar. As escolas representam um lugar de intercruzamento de culturas e dentre elas a cultura da escola que sintetiza os valores, modos de convivência e significados, gerando um padrão coletivo de pensar, agir e perceber-se nesse ambiente. Por isso, uma instituição escolar pode ser compreendida pela caracterização de elementos que compõem a sua cultura.

Podem ser considerados para o estudo da cultura de uma escola aspectos como a arquitetura escolar, o seu mobiliário (carteiras, quadro-negro...), os recursos didáticos (cadernos, livros...), os rituais escolares (normas e finalidades, valores, conteúdos e programas de

ensino, linguagem, festas, exames finais, exposições, excursões, foto da turma, comemorações cívicas, desfiles, mecanismos de avaliação, brincadeiras, prêmios, festas de encerramento do ano letivo, castigos, práticas docentes, práticas escolares...), a história do estabelecimento, a biografia de seu patrono e diversas outras atividades sociais específicas realizadas na escola pela comunidade escolar.

Com a criação do grupo escolar configurou-se a produção de uma nova cultura escolar, resultante da instituição de uma nova organização do trabalho e pela distribuição das relações de poder no interior da escola (SOUZA, 1998). Essas escolas, a partir de 19712, perderam a denominação de “grupos escolares”, cujo currículo de ensino foi alterado, transformando-se em instituições de primeiro grau.

Considerando-se a cultura escolar constituída por dois fatores correlacionados, normas e práticas, em que as práticas são consequências das normas e ambos condicionam-se às políticas e aos propósitos das forças que detêm o poder em determinado contexto, a implantação de novas concepções administrativas e pedagógicas implicam em mudança na dinâmica da rotina da escola e, conseqüentemente, propicia acréscimo, continuidade ou desaparecimento de aspectos atrelados à cultura escolar, conforme a época. Portanto, dentre as diversas situações que permeiam a dinâmica entre o tempo e o espaço escolar, restringimo-nos, nesse trabalho, ao estudo do uniforme escolar e a sua influência na uniformização dos corpos, ou seja, a análise dos contrastes, semelhanças, permanências e transformações atreladas a essa temática, ocorridas na relação da escola com o tempo.

Se a cultura de uma instituição escolar está repleta de sentidos e significados que determinam a sua configuração e revela os jogos que nela se instauram, logo, a dinâmica do tempo-espaço pode ser revelada a partir de elementos constituintes do próprio universo escolar, pois estão impregnados de vestígios da cultura da escola, como objetos, documentos e fotografias escolares, como também, a partir dos relatos dos sujeitos – alunos, funcionários, professores – que integraram ou integram

a comunidade escolar. Esses elementos apresentam uma cultura escolar contemporânea à época em que foram produzidos (no caso de fotografias e outros documentos) ou que interagiram com a escola (no caso dos depoimentos), conferindo à cultura escolar um caráter histórico. São essas características históricas que revelamos.

Assim, a partir do diálogo com a fotografia em conjunção com o depoimento revelamos e analisamos aspectos históricos, filosóficos, políticos, socioeconômicos e culturais fundamentais para a compreensão dos sentidos e significados que configuram a dinâmica entre o tempo e espaço escolar ao longo do período de existência da instituição selecionada para a realização desse estudo, o Terceiro Grupo Escolar de Limeira³, estado de São Paulo, compreendendo o intervalo entre a década de 1940, contexto de sua criação, até os dias atuais, década de 2010.

Quando reportamos a uma situação do cotidiano escolar, esta, além de estabelecer uma relação resultante da interação entre os sujeitos escolares, compreende um tempo e um espaço específicos. Logo, o tempo e o espaço enquanto socialmente construídos revelam as diversas práticas culturais e representam as relações sociais neles travadas.

Compreendendo que as atividades escolares acontecem e se correlacionam com um espaço e um tempo, consideramos aqui o espaço escolar como um lugar sendo que este, conforme Vinão Frago (2001) se constitui a partir de sua ocupação e utilização, pois o espaço pode ser imaginado e projetado, mas o que o transforma em lugar é a sua construção a partir do fluir da vida, ou seja, do tempo escolar, sendo este, como define Vinão Frago (1995), assim como o espaço escolar, não-neutro, regulado e ocupado, constituído por contínuos momentos em que se distribui o processo educacional.

Para o trânsito entre o espaço e o tempo escolares utilizamos dois percursos: o sincrônico, em que analisamos situações e relações entre o indivíduo e a escola em determinados contextos; e o diacrônico, em que a partir do desencadeamento de uma temporalidade analisa-

mos as situações e as relações do passado em relação ao presente.

O estudo da dinâmica entre o tempo e o espaço escolar faz-se fundamental para a compreensão da importância e a implicação dos aspectos da cultura escolar na sustentação do processo educacional, ou seja, quanto a educação escolar está vinculada e é organizada a partir da própria cultura da escola. As reflexões proporcionadas, não apenas exibem impressões da materialidade e simbologia de uma escola dotada de identidade, história e cultura próprias, como também, por este grupo escolar compor juntamente com outras instituições submetidas às mesmas regras, preceitos pedagógicos e políticas públicas, um mesmo sistema de ensino, permitiram a reconstituição e a compreensão das relações e situações envolvendo os indivíduos, a educação e o ambiente escolar em diferentes contextos, no âmbito de seu conjunto.

Uniforme escolar e uniformização dos corpos

O uniforme é um dos elementos que dominam nosso imaginário escolar e é peça fundamental, ainda hoje, da referida cultura. Embora o uso e o sentido do uniforme escolar estejam atenuados e sejam diferentes atualmente, a sua presença ainda é sentida nas escolas e seu uso nos fornece vários elementos para pensarmos a cultura escolar. O uniforme não é apenas um mero material no espaço escolar, mas um elemento da cultura institucional que dá sentido e norteia certas relações no universo do ensino, bem como possui sentido histórico que sofre alterações com o passar do tempo.

A cultura material participa decisivamente na produção e reprodução social (MENESES, 2005), sendo, portanto, ao mesmo tempo, resultado e transmissor de relações sociais. Mais que características físicas, um objeto encontra-se carregado de sentidos historicamente conferidos pelos grupos sociais e, a partir da apreciação e da percepção de seus significados, podem fornecer dados para a compreensão dos fatos sociais.

Deste modo, como apontado acima, devemos pensar o uniforme escolar não como uma vestimenta casual, um

tecido obrigatório a cobrir os corpos dos alunos, mas como um aspecto essencial para se compreender o universo escolar e a cultura que o sustenta e o define. Assim, não podemos tomá-lo como um dado neutro, um simples capricho das autoridades escolares, mas como um conjunto de elementos repletos de significados e valores que nos auxiliam na compreensão cultural da escola, bem como daquilo que entendemos por educação. Tendo isto em mente, é preciso pensar que os objetos, assim como explicam Ribeiro e Silva (2012), não são autônomos e atemporais, mas sim produções culturais que falam de nossas tradições, de nossos modos de pensar e sentir e de nossa memória individual e coletiva e ao se considerar o material, deve-se examinar seus significados culturais.

O uniforme escolar, dentro desta visão, é um artefato cultural que reproduz os padrões estéticos e morais de um determinado grupo, bem como inculca e reforça estes mesmos padrões naqueles que o usam cotidianamente. Além disso, a padronização da vestimenta torna todos iguais e participantes de uma mesma cultura, bem como sinalizam o lugar que cada um ocupa no espaço social. Ora, é imediata a identificação de jovens com uniforme, todos sabem que estão em idade escolar e que frequentam uma instituição de ensino. O mesmo acontece com outros uniformes, como o militar por exemplo. Veja, na figura 1, a seguir, o uniforme da Força Pública do Estado de São Paulo (atual Polícia Militar), na cidade Limeira, na década de 1940 – sabemos de imediato que a pessoa pertence a uma instituição militar, seja ela das forças armadas ou da polícia. Isto mostra que o uniforme faz parte de nosso imaginário social e seu uso nos é comum, bem como seu sentido. É preciso, assim, analisar os elementos materiais, tentando extrair o sentido do uso na realidade escolar bem como seus significados para a compreensão da cultura intrínseca.

Em decreto⁴ estadual de 1964, aparece a recomendação de que os uniformes escolares atendam às condições de higiene, de estética e bom gosto. O que se entende por condições de higiene, estética e bom gosto deve ser buscado no pensamento da época, até porque o decreto

não especifica o que seriam estas condições. Percebe-se uma preocupação moral com a vestimenta, evidente na expressão do bom gosto, mostrando uma preocupação de que os uniformes auxiliem na introdução de regras e disciplinas na vida dos alunos.

Figura 1. Uniforme da Força Pública (Polícia Militar) em Limeira, década de 1940.



Fonte: Acervo Nelson Petto.

O uso do uniforme, assim como outros objetos escolares como o caderno, os livros, as carteiras, o quadro-negro, é dado conforme as proposições morais, pedagógicas, disciplinares e higiênicas de cada época. Portanto, no interior da instituição de ensino o uniforme funciona como um mecanismo condicionador do aluno no tempo e espaço escolares. Mas não apenas isso, a sua função, como cita Andrade (2011), surgiu da necessidade de proporcionar aos estudantes uma vestimenta mais adequada para o desenvolvimento de atividades no cotidiano escolar, diferenciando-se dos trajes utilizados pelos adultos, como vestidos longos e calças ajustadas.

Assim, o uniforme busca construir uma cultura de pertinência ao local, e seu uso denota uma atividade específica: a atividade escolar. Portar o uniforme da instituição de ensino não se trata apenas em vestir uma roupa qualquer, mas assim como um uniforme de trabalho, apresenta-se embutido uma determinada ação, de uma rotina determinada que visa a certos fins. Por fim, é pertencer a alguma escola e fazer parte de sua rotina.

Na figura 2 observa-se uma rotina presente na vida escolar – uma aula de língua portuguesa⁵. Nota-se o uso do uniforme por todos os alunos, sem distinção de modelos para meninos e meninas. Pode-se apreciar que alguns alunos portam o uniforme completo, constituído por bermuda e camiseta, mas alguns alunos, como a última aluna da fileira central e o antepenúltimo aluno da primeira fileira, à esquerda, usam calça que não faz parte do conjunto do uniforme, revelando-nos que apenas a camiseta é de uso obrigatório.

Figura 2. Aula de língua portuguesa com a turma de alunos do 6º ano 6 da E. E. “Professor Leovegildo Chagas Santos”, 2014.



Fonte: Acervo Escola Estadual “Professor Leovegildo Chagas Santos”.

Pode-se constatar, também, que as professoras, além de uma vestimenta casual, são revestidas por um jaleco que protege e mantém a roupa asseada, isenta do pó de giz. Apesar de o jaleco ofuscar uma casualidade e fornecer certa formalidade ao profissional e ao processo educacional, este acessório não compunha como vestimenta obrigatória, pois professores da mesma época, como o da figura 3, seguinte, não fazem o seu uso. Inclusive, o professor retratado nesta situação, trajando camiseta, bermuda e sandálias, evidencia como a vestimenta desse profissional tem adquirido cada vez mais o caráter informal. Imagine estes alunos numa situação não escolar, como na rua. Assim mesmo, o uniforme, junto com as mochilas, os cadernos, os livros, nos indicariam que são um grupo de estudantes. O uso do uniforme cria uma identidade visual no aluno, assim como sinaliza em qual instituição ele estuda, bem como uniformiza os corpos, tornando-os padronizados, iguais.

Figura 3. Avaliação para a turma de alunos do 7º ano 5 da E. E. “Professor Leovegildo Chagas Santos”, 2014.



Fonte: Acervo Escola Estadual “Professor Leovegildo Chagas Santos”.

Dessa maneira, o uniforme caracteriza os agrupamentos de alunos, identificando-os com a escola. Mesmo que os alunos possuam suas individualidades, o uniforme os organiza e os torna iguais, sobressaindo o grupo enquanto identidade coletiva. Além disso, a padronização na configuração vestuária simularia um ambiente de igualdade, o que ocultaria as diferenças sociais e reforçaria a ideia de escola para todos, sem distinção. No entanto, ainda que todas as crianças estivessem uniformizadas, o nível social de cada uma poderia facilmente ser identificado a partir de aspectos como limpeza e qualidade material. Paradoxalmente, um estudante bem trajado com o uniforme impecável pode camuflar uma condição social precária. Nem toda aparência revela um conteúdo (ou contexto) compatível.

Embora sempre houvesse a exigência de que meninos e meninas comparecessem devidamente trajados à escola, apenas a partir da implantação dos grupos escolares, como forma de propagar um dos maiores símbolos dos ideários republicanos, o uso de uma vestimenta padronizada para os estudantes se intensificaria. Contudo, somente em 1921 o uso de uniforme, determinado pelo diretor, tornou-se obrigatório⁶, e ainda assim, apenas para a seção feminina. Apesar do uso do uniforme não ser uma exigência aos meninos, estes também eram orientados a utilizá-lo.

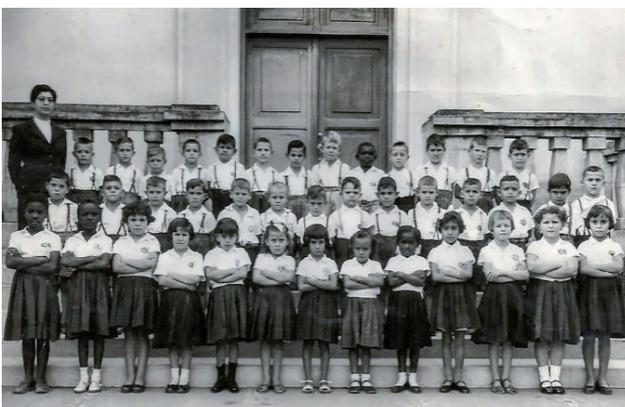
Mais tarde, em 1952, por meio de regulamento⁷ próprio, a escolha e a definição dos distintivos e uniformes constitu-

íam encargo da direção dos estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas morais comuns em face do decoro didático e educacional. Naquela década, além da obrigatoriedade do uso de uniforme, o asseio deste era conferido todos os dias letivos durante a entrada à escola. “[...] O diretor postado no portão verificava se as crianças usavam uniformes e se estes estavam limpos. Não entravam no recinto sem o uniforme completo e adequado.”⁸

Em 1967, o estado de São Paulo determinou⁹ que estabeleceria, no prazo mínimo de um trimestre antes do início de cada ano letivo, um tipo único de uniforme cuja distinção entre as diversas escolas ou cursos poderia ser feita mediante a aplicação de sinais ou das iniciais de seu nome (logotipos) no bolso da blusa. Somente no final da década de 1970, conforme esclarece Souza (2008), o uso obrigatório e impecável do uniforme seria cada vez mais flexibilizado, assim como as revistas de uniforme e asseio e as filas para a entrada em sala de aula. Entretanto, apenas partir de 1983 os estabelecimentos de ensino estaduais deixaram de instituir o uso obrigatório¹⁰ do uniforme escolar.

Ao observar a fotografia de classe de 2014, apresentada na figura 2, e a fotografia da turma de 1955, exibida na figura 4, elas nos revelam algumas diferenças no uso do uniforme escolar. Pode-se notar, logo de início, na figura 4, o uso do uniforme completo, camisa, saia, sapato e meia, diferente do uso só da camiseta, como na figura 2. Além disso, o uso da saia marcaria a distinção dos sexos, diferenciando meninos e meninas no contexto escolar.

Figura 4. Turma de alunos do 1o ano misto do Terceiro Grupo Escolar de Limeira, 1955. 11



Fonte: Acervo Udelson Armando Custódio.

Enquanto na situação de 2014 o uniforme é compartilhado por ambos os sexos, na imagem de 1955 vê-se um uniforme distinto para meninos e meninas. Esta distinção nos revela uma preocupação com a separação dos gêneros presente em nossa cultura escolar por algum tempo. Logo, como se pode perceber, houve uma mudança nesta concepção, pois não é mais uma preocupação da escola de nosso tempo diferenciar os meninos das meninas por meio da vestimenta, o que comprovam as figuras 2 e 3. Portanto, a configuração física do uniforme escolar se modificou conforme os preceitos morais e higiênicos de cada época. A partir de fotografias e relatos, pode-se constatar e diferenciar as características marcantes do uniforme entre períodos específicos.

Na década de 1950, conforme exibido nas figuras 4 e 5, compunham o uniforme saia pregueada, para meninas, e *short* ou calça com suspensórios, para os meninos, todas essas peças, conforme os alunos¹² daquela época, na cor azul; uma blusa para as meninas e camisa para os meninos, ambas na cor branca e com botões e o logotipo da escola (as iniciais do grupo escolar) bordado no bolso; sapatos pretos e meias brancas. Os alunos¹³ contam que a escola fornecia o bordado com o logotipo, mas a roupa (tecido e a costura) ficava a encargo da família, que deveria ser confeccionada segundo os critérios exigidos: de cor, medidas e modelo.

Figura 5. Turma de alunos do 2o ano masculino B do Terceiro Grupo Escolar de Limeira, 1959.14



Fonte: Acervo José Carlos Gomes Felipe.

Embora a utilização de sapatos integrasse a configuração do uniforme, o seu uso não era uma exigência, pois,

conforme apresentado nas figuras 5 e 6 e a partir do que relatam 15 ex-professores e ex-alunos, por não possuírem este artigo, muitas crianças iam descalças para a aula. E ainda, como “[...] nem todos possuíam sapatos, nas ocasiões especiais, como a fotografia de turma, havia uma preparação: quem estava sem sapato ficava ao fundo para não aparecerem os seus pés descalços.”¹⁶

Entretanto, mesmo em situações como essa, em que a maioria dos alunos tendiam a usar a sua melhor roupa, cujas crianças sem sapatos eram orientadas a posicionarem em segundo plano, numa disposição recôndita em relação ao grupo, conseguimos visualizar o reflexo da realidade cotidiana, em que vários meninos apresentam-se sem calçados. A ausência destes, na composição do uniforme de determinadas crianças, revela o que o resto do uniforme tenta ocultar: a diferença de classes.

Figura 6. Comemoração do 10o aniversário da merenda escolar do Terceiro Grupo Escolar de Limeira, 1965.



Fonte: Acervo Gilberto Gianotto.

Enquanto na década de 2010, como nas situações exibidas nas figuras 2 e 3, o uniforme¹⁷ era composto por uma camiseta branca com o nome e o logotipo da escola, em azul escuro, no canto superior direito como peça comum a todos; e calça ou short azul escuro com o mesmo símbolo, na cor branca como peça dispensável, podendo-se usar calça, short ou saia jeans.¹⁸ Aqui, a camiseta é única peça padronizada do uniforme, e as demais opcionais, embora com algumas restrições: o calçado deve ser sapato, visando, principalmente, às normas para a prática de educação física, e excetuando-se esta disciplina, o uso de calça, *short* e saia jeans seria permitido.

Ao analisar a figura 7, verifica-se o uso de camiseta escolar de cores distintas, prevalecendo as cores branca e preta, inclusive esta última com dizeres e ilustrações. Embora a cor branca seja a adotada na composição do uniforme geral da escola, faz parte da atual cultura da escola as turmas de formandos do ensino fundamental confeccionarem a sua própria camiseta como representação identitária do grupo, ou seja, da classe, com cores, desenhos e frases específicas, mediante prévia autorização da direção escolar, obedecendo a um repertório de requisitos morais e éticos.

Figura 7. Refeitório da E. E. “Professor Leovegildo Chagas Santos, 2014”.



Fonte: Acervo Escola Estadual “Professor Leovegildo Chagas Santos”.

Uma das diferenças físicas marcantes no uniforme escolar entre as décadas de 1950 e 2010 ocorreu na segunda metade da década de 1970, quando se estabeleceu¹⁹ o uso de avental de cor branca para alunos do ensino de primeiro e segundo graus dos estabelecimentos de ensino do Estado. Esse avental²⁰, além de possuir a cor branca, deveria ser de qualquer tecido não transparente, tamanho 3/4, gola esporte, sem detalhes nas costas e de acordo com as condições econômicas do aluno e climáticas da região.

Agora repare nas roupas dos professores. Ao contrário do período mais recente, como nas figuras 2 e 3, em que os profissionais se vestem casualmente, inclusive alguns usando jaleco como um uniforme de trabalho, pode-se observar nas figuras 4 e 5 a formalidade com que se apresentavam: as mulheres de vestidos e os homens a usarem terno e gravata. Naquele período, embora o Estado já fosse leigo,

ainda era influenciado fortemente pela Igreja Católica que, por razões doutrinárias, exigia que homens e mulheres tivessem vestimentas distintas e que não evidenciassem as suas formas físicas, afastando-os do pecado. No caso do sexo feminino, o uso de vestido (ou saia) ocultaria uma das partes mais cobiçadas e apreciadas pelos homens, evitando o desejo e, por fim, condutas imorais.

Somente a partir de 1971 os secretários de estado e dirigentes de autarquias foram autorizados a aceitar²¹ o uso de calças compridas para as servidoras do sexo feminino e camisas esporte para os funcionários do sexo masculino. Mesmo assim, a disciplina para o uso dos trajes deveria atender para a conveniência, o decoro, a austeridade e ao local do exercício da atividade.

A situação da figura 6, de 1965, serve para ilustrar a ideia de uniformidade. Vemos meninas vestidas com camisa e saia, todas iguais, muitas com acessórios no cabelo, mas todas com o uniforme da escola. Independentemente de sua origem social, na escola as vestimentas as tornam iguais e pertencentes ao universo escolar que as acolhe e oferece uma rotina educacional. Os corpos, não importando a sua origem, são uniformizados, sem distinção de roupa, o que cria a ideia de que todos no ambiente escolar são iguais e têm acesso, de modo similar, ao conhecimento.

Nos espaços de poder, como a instituição de ensino, o uniforme, segundo o que observam Vilela e Junger (2013), apaga os referentes singulares do corpo em proveito de uma lógica que favoreça o ordenamento disciplinar. A visualidade proporcionada pelo uniforme, homogeneizando o cotidiano escolar, possibilita também o reconhecimento e a captura dos aspectos diferenciadores que apresentam e ensinam a sua singularidade.

O uniforme teria, assim, uma função educacional, uma função disciplinar, muito além de uma simples identificação ou capricho visual. O que se observa nas situações em que os alunos aparecem uniformizados são crianças com histórias de vida desiguais, com capacidades e talentos diferentes, com condições sociais diversas, mas que se igualam pelo uso do uniforme²². O estudante, com o uniforme, sabe que está num ambiente educa-

cional e que precisa seguir certas regras e se comportar como todos os seus colegas de sala que também trajam um uniforme.

Na figura 8 tem-se a banda fanfarra da escola em desenvolvimento durante um evento cívico. Constituída por alunos, era responsável por dar ritmo à marcha dos participantes dos desfiles cívico e fornecer a entoação aos cânticos e hinos cívico-patrióticos. Observe que, além da disposição organizada, a uniformidade está presente no uso da mesma vestimenta, que torna todos os envolvidos em um só corpo, membros de uma só instituição. Eles fazem parte de um mesmo processo, seguem as mesmas rotinas e obedecem às mesmas regras. Todos os estudantes, seja menino ou menina, trajam os mesmos elementos e nas mesmas cores, cuja música depende do arranjo dos desempenhos individuais. Assim, cada um, independente do instrumento, tem um só objetivo, que é coletivo.

Figura 8. Banda fanfarra da E. E. “Professor Leovegildo Chagas Santos”, 1982.



Fonte: Acervo Dinorá Piras de Oliveira.

Repare também na padronização das roupas e na coreografia das meninas na atividade cívica apresentada na figura 9. Naquelas situações das figuras 8 e 9, exibem-se publicamente a uniformidade e a organização que a disciplina escolar lhes ensinou. A apresentação cívica, longe de ser apenas um *show* para entreter, é sinal evidente de que o ambiente escolar ensina, organiza e disciplina. Os alunos uniformizados, seja na roupa, na postura física com o mesmo posicionamento, o corpo deve representar o respeito, a solenidade do ato. Em sala de aula não é diferente, pois o estudante também deve mostrar uma postura digna do momento, de respeito e de seriedade.

Figura 9. Comemoração cívica no campo de bola da “E. E. Professor Leovegildo Chagas Santos”, 1982.



Fonte: Acervo Dinorá Piras de Oliveira.

O uniforme escolar, ao encobrir a individualidade do estudante, o lança no universo do coletivo, do grupo. Seus gestos serão os do grupo, os ditados pelo professor, pela escola. Essas estratégias que se materializam no interior da escola visam a tornar o indivíduo submisso à ordem vigente, conforme os padrões reconhecidos pela sociedade como corretos.

O uniforme cria uma coletividade, seja para quem olha de fora, seja para quem o usa. A uniformização se destaca na padronização dos movimentos que os alunos devem utilizar, seja em sala, seja em atividades físicas, seja em apresentações culturais. O modo de se sentar, de correr, de andar, de se vestir, de carregar livros..., tudo isto será ensinado pela escola que disciplinará o corpo e seus movimentos para uma melhor organização das atividades escolares, considerando o ambiente escolar, como um lugar produtor de identidades e mecanismos imprescindíveis para a manutenção da disciplina entre seus participantes.

A seguir, na figura 10, outro momento ímpar da educação, tão comum quanto às fotografias de classe: o retrato escolar. Nele, o aluno, que aparece sério e com o olhar direcionado à câmera, divide a cena com alguns objetos símbolos do conhecimento e que exaltam a escola, como a caneta, o caderno, o livro, o globo geográfico e o mapa, por exemplo, além de uma plaqueta indicando a sua série. Sentado diante da carteira e trajando o unifor-

me escolar, segura em sua mão direita uma caneta simulando como se estivesse a escrever.

Figura 10. Retrato escolar, 4o ano masculino A, do Terceiro Grupo Escolar de Limeira, 1961.



Fonte: Acervo José Carlos Gomes Felipe.

A camisa social, uniforme escolar, presentes nas fotografias das décadas anteriores a 1980, como nas figuras 4, 5, 10, diferente das camisetas de hoje em dia, mostra a visão de vestimenta séria e adequada ao aluno e o modo como isso se refletia na seriedade da situação, a qual, para ficar na memória e como imagem-resumo da instituição, deve ser séria e representar grandiosidade. O corpo, a roupa, os objetos do espaço, tudo representa um ar de solenidade que a educação exige.

Por conseguinte, o uniforme escolar, mais que um material que reveste, oculta e protege o corpo, configura-se como um símbolo de unidade, identifica um grupo e reconhece o aluno como integrante de um agrupamento. Apesar do uso do uniforme não ser obrigatório, já que a criança ou adolescente não pode ser impedida de frequentar o estabelecimento por não trajá-lo, o seu uso é incentivado pelas autoridades escolares e por meio de instituições auxiliares da escola como a Associação de Pais e Mestres (APM), que o fornece àqueles cuja família não possui condições financeiras de adquiri-lo e, atualmente, continua sendo um acessório fundamental que caracteriza o aluno e a escola, definindo e certificando-se, para a segurança de todos, principalmente nesse contexto de violência em que a sociedade está inserida, quem pode nela entrar e dela sair.

Considerações finais

Diante do apresentado, o uniforme não constitui apenas um mero material no espaço escolar, pois, enquanto elemento cultural, reproduz naqueles que o usam cotidianamente os padrões estéticos e morais de um determinado grupo. O uso do uniforme torna todos iguais e participantes de uma mesma cultura, assim como sinaliza o lugar que cada um ocupa no espaço social. Logo, quando uma criança ou adolescente apresenta-se trajado com o uniforme de uma escola, imediatamente sabe-se que ele se encontra em idade escolar e frequenta uma instituição de ensino, isto é, trata-se de um estudante.

À vista disso, trajar um uniforme não se trata apenas em vestir uma roupa qualquer, pois nele embute-se a relação de pertinência a um local e a realização de uma atividade e rotina específica. Assim, a padronização da vestimenta caracteriza os agrupamentos de alunos identificando-os com a escola, cujo uniforme representa o símbolo da identidade coletiva. Além disso, na escola, o uso do uniforme simula um ambiente de igualdade, ocultando as diferenças sociais e intensificando a ideia de escola para todos, sem distinção.

Embora, atualmente, o uso do uniforme não seja obrigatório nas escolas, a maioria dos sistemas de ensino, público ou privado, incentivam o seu uso, até mesmo fornecendo-o àqueles sem condições financeiras de adquiri-lo, já que não se pode proibir as crianças ou adolescentes em frequentar as aulas não trajá-lo, pois o uniforme representa um acessório fundamental no contexto de violência que assola a sociedade, o qual assegura a partir da caracterização do aluno e da identificação de sua escola correspondente, um ambiente mais seguro para todos.

Notas

1 A cultura representa a própria história do ser humano, sendo resultado de seus atos, e também, processo contínuo pelo qual os homens produzem sentido às suas ações. Ela ocorre na mediação entre os indivíduos, manipulando padrões de significados que fazem sentido num contexto específico (GEERTZ, 1989).

2 BRASIL, 1971.

3 Atualmente Escola Estadual “Professor Leovegildo Chagas Santos”.

4 SÃO PAULO, 1964.

5 Professoras Claudenice Siqueira Saracino (professora da disciplina) e Regiane Akemi Kimura (professora-auxiliar). No período de 2012 a 2014, as escolas estaduais de São Paulo contavam com o professor-auxiliar, que atuavam, simultaneamente, com docentes titulares, na assistência aos alunos dos ensinos fundamental e médio que necessitavam de atenção suplementar no processo aprendizagem, o qual compunha uma modalidade contínua de recuperação.

6 SÃO PAULO, 1921.

7 SÃO PAULO, 1951.

8 MACHADO, 2014.

9 SÃO PAULO, 1967.

10 SÃO PAULO, 1983.

11 Professora Salvina Maduro Kube.

12 ALMEIDA; BONIN; COSTA; GOMES; PIZANI, 2014; LOPES, 2014a; LUIZ, 2014b.

13 GOMES; ALMEIDA, 2014; LUIZ, 2014b.

14 Professora Shyrlei Francischetti.

15 QUITÉRIO, 2014; BARBOSA, 2014.

16 GEORGINI; RAGONHA, 2014; LUIZ, 2014a, 2014b.

17 O uniforme só pode conter, como inscrição gravada no tecido, o nome do estabelecimento, limitando-se a alunos de turnos letivos diurnos, cujo modelo não poderá ser alterado antes de transcorridos cinco anos de sua adoção. (BRASIL, 1994).

18 SELINGARDI, 2014; LOPES, 2014b.

19 SÃO PAULO, 1976a.

20 SÃO PAULO, 1976b.

21 SÃO PAULO, 1971.

22 É preciso lembrar que nem todos possuíam, ou possuem, as condições de usar o uniforme de modo completo.

Referências

ALMEIDA, Nicomedes José de. Aluno de 1952 a 1955. **Terceiro Grupo Escolar**. Limeira, 15 jun. 2014. Depoimento concedido a Wilson Ricardo Antoniassi de Almeida.

ANDRADE, Raquel Rabelo. **Diretrizes Projetuais para o Desenvolvimento de Uniformes Escolares**. Bauru, 2011, 151 p. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 1990. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/96269/andrade_rr_me_bauru.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 ago. 2015.

BARBOSA, Ana Maria Bueno. Aluna de 1953 a 1958. **Terceiro Grupo Escolar**. Limeira, 07 mai. 2014. Depoimento concedido a Wilson Ricardo Antoniassi de Almeida.

- BONIN, Rosmary de Souza. Aluna de 1959 a 1962. **Terceiro Grupo Escolar**. Limeira, 10 mar. 2014. Depoimento concedido a Wilson Ricardo Antoniassi de Almeida.
- BRASIL. **Lei no: 5.692**, de 11 de agosto de 1971. Fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1o e 2o graus e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L5692.htm>. Acesso em: 12 fev. 2014.
- _____. **Lei no: 8.907**, de 06 de julho de 1994. Determina que o modelo de fardamento escolar adotado nas escolas públicas e privadas não possa ser alterado antes de transcorridos cinco anos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8907.htm>. Acesso em: 21 out. 2014.
- COSTA, Maria José Duscov da. Aluna de 1956 a 1959. **Terceiro Grupo Escolar**. Limeira-SP, 23 ago. 2014. Depoimento concedido a Wilson Ricardo Antoniassi de Almeida.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. 323 p.
- GEORGINI, Olga Aparecida Pejon. Aluna de 1949 a 1953. **Terceiro Grupo Escolar**. Limeira, 11 set. 2014. Depoimento concedido a Wilson Ricardo Antoniassi de Almeida.
- GOMES, Darci Aparecida Cardoso. Aluna de 1952 a 1956. **Terceiro Grupo Escolar**. Limeira, 23 mai. 2014. Depoimento concedido a Wilson Ricardo Antoniassi de Almeida.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Trad. Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**. Autores Associados, Campinas, SP: n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.
- LOPES, Angela Maria Archiuzi. Aluna de 1968 a 1969 e de 1971 a 1976. **Terceiro Grupo Escolar**. Limeira, 4 mai. 2014a. Depoimento concedido a Wilson Ricardo Antoniassi de Almeida.
- LOPES, Carla de Cássia Ferreira. Aluna de 2013 a 2016. **Terceiro Grupo Escolar**. Limeira, 20 mar. 2014b. Depoimento concedido a Wilson Ricardo Antoniassi de Almeida.
- LUIZ, Maria Beatriz Spinelli. Aluna de 1950 a 1953. **Terceiro Grupo Escolar**. Limeira, 11 set. 2014a. Depoimento concedido a Wilson Ricardo Antoniassi de Almeida.
- LUIZ, Nilza Aparecida. Aluna de 1954 a 1958. **Terceiro Grupo Escolar**. Limeira, 21 abr. 2014b. Depoimento concedido a Wilson Ricardo Antoniassi de Almeida.
- MACHADO, Rute Dionello. Aluna de 1954 a 1957. **Terceiro Grupo Escolar**. Limeira, 22 mai. 2014. Depoimento concedido a Wilson Ricardo Antoniassi de Almeida.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves. **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2005. p. 18-84.
- PIZANI, Maria José Facioni. Aluna de 1957 a 1960. **Terceiro Grupo Escolar**. Limeira, 22 mai. 2014. Depoimento concedido a Wilson Ricardo Antoniassi de Almeida.
- QUITÉRIO, Eudóxia Silva Castro. Professora de 1951 a 1956. **Terceiro Grupo Escolar**. Limeira, 11 set. 2014. Depoimento concedido a Wilson Ricardo Antoniassi de Almeida.
- RAGONHA, Maria Shirley Aldrighi. Aluna de 1949 a 1952. **Terceiro Grupo Escolar**. Limeira, 11 set. 2014. Depoimento concedido a Wilson Ricardo Antoniassi de Almeida.
- RIBEIRO, Ivanir; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. **Das materialidades da escola: o uniforme escolar**, p.577. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 03, p. 575-588, jul./set. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n3/03.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2015.
- SÃO PAULO. **Decreto no: 3.356**, de 31 de maio de 1921. Regulamenta a Lei no: 1750, de 8 de dezembro de 1920, que reforma a instrução pública. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1921/decreto-3356-31.05.1921.html>>. Acesso em: 21 fev. 2014.
- _____. **Lei no: 1.536**, de 28 de dezembro de 1951. Regula o uso de uniformes, distintivos ou livros didáticos nos estabelecimentos de ensino mantidos pelo Estado e nos de ensino primário mantidos por particulares. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1951/lei-1536-28.12.1951.html>>. Acesso em: 14 jan. 2014.
- _____. **Decreto no: 44.084**, de 18 de novembro de 1964. Regulamenta a Lei no: 1.536, de 28 de dezembro de 1951. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1964/decreto-44084-18.11.1964.html>>. Acesso em: 12 jul. 2015.
- _____. **Lei no: 9.701**, de 27 de janeiro de 1967. Dispõe sobre tipos de uniformes para alunos de estabelecimentos oficiais de grau médio bem como de curso primário. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1967/lei-9701-27.01.1967.html>>. Acesso em: 21 mar. 2014.
- _____. **Decreto de 14 de maio de 1971a**. Disciplina o uso de vestuário no serviço público. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1971/decreto-0J-14.05.1971.html>>. Acesso em: 10 jan. 2015.
- _____. **Lei no: 1.112**, de 19 de outubro de 1976a. Estabelece o uso de avental para alunos de estabelecimentos oficiais de ensino de 1o e 2o graus. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1976/lei-1112-19.10.1976.html>>. Acesso em: 13 mar. 2015.
- _____. **Resolução no: 224**, de 12 de novembro de 1976b. Baixa instruções sobre o uso de avental para alunos de estabelecimento oficiais de ensino de 1o e 2o graus. Disponível em: <<https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Do>>.

cumento_11_4.aspx?link=/1976/executivo/novembro/13/pag_0030_2FDO7FM3DOFUF59BDI9NK7PUFC.pdf&pagina=30&data=13/11/1976&caderno=Executivo&paginaordenacao=100030>. Acesso em: 12 nov. 2014.

_____. **Lei no: 3.913**, de 14 de novembro de 1983. Proíbe aos estabelecimentos oficiais de ensino a cobrança de taxas e contribuições que especifica e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1983/lei-3913-14.11.1983.html>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

SELINGARDI, Paula Eduarda da Silva. Aluna de 2012 a 2015. **Terceiro Grupo Escolar**. Limeira, 12 mai. 2014. Depoimento concedido a Wilson Ricardo Antoniassi de Almeida.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escopa primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. 302 p.

_____. **História da organização escolar e do currículo no século XX**: ensino primário e secundário no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008. 320 p.

VILELA, Teresinha Maria de Castro; JUNGER, Victor. **Uniforme e Cultura Visual: Códigos Visuais do Escolar**. In: VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2013, Goiânia. Anais. Goiânia, UFG, FAV. 2013.

VINÃO FRAGO, Antonio. História de la educación e história cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, n.0, set./out./nov./dez., 1995, p. 63-82. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE0/RBDE0_06_ANTONIO%20VINA0_FRAGO.pdf>. Acesso em: 16 out. 2015.

_____. El espacio y el tiempo escolares como objeto histórico. **Contemporaneidade e Educação**. Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada (IEC), Rio de Janeiro, n. 7, 2000, p. 100-101.

_____. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: VINÃO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2001, p. 59-139.

Recebido em 04 de fevereiro de 2017.

Aceito em 25 de março de 2017.

